Educação agroecológica na infância e biopráxis: relato de experiência do Centro Socioambiental Mãe Terra

Agroecological education in childhood and biopraxis: experience report from the Mãe Terra Socioenvironmental Center

POLIDORO, Ínes Fátima [1]; FERREIRA, Marcia Regina[2;] SILVA, Gilberto[1]
[1] Centro Socioambiental Mãe Terra, gilberto_pompeia@hotmail.com; [2] Universidade Federal do Paraná, marciareginaufpr@hotmail.com

RELATO DE EXPERIÊNCIA POPULAR

Eixo Temático: Educação em Agroecologia

.

Educação agroecológica na infância e biopráxis: Uma abordagem pedagógica em participação que é holística, integradora, relacional e ético-política.

A educação agroecológica na infância visa o desenvolvimento humano a partir de um habitar a partir de um lugar poético e de um viver que valoriza as experiências de afetação da vida, a despeito de outras narrativas duras do mundo como aborda Krenak (2022). A infância é um momento de sonhos, de sentires, de fazeres e de descobertas, é nessa fase que as crianças emergem toda sua criatividade e capacidade de inventar outros mundos. A partir da concepção da pedagogia em participação (OLIVEIRA – FORMOSINHO, 2019), a qual possui como principal objetivo, o envolvimento, esta pedagogia relaciona-se com a pedagogia decolonial (OCAÑA et al, 2018) que também visa esse envolvimento, buscando descolonizar a educação e desenvolver a nossa própria prática sociocultural, a partir das realidades do Sul, de nossas experiências, de nossas compreensões e significações, que aqui denominadas de biopráxis. Nesse relato, buscamos apresentar a educação agroecológica desenvolvida com crianças de 04 a 12 anos na área rural de Mandirituba-Paraná-Brasil, por meio de uma proposta de atividades lúdicas e participativas no contraturno escolar.

Estas atividades contemplam 120 crianças, envolvem seis educadores e cinco oficineiros, no espaço do Centro Ambiental Mãe Terra (projeto da Fundação Vida Para Todos -ABAI). A educação dialógica e orientada para a autenticidade, é desenvolvida ao criar um lugar de afetos, onde todas as atividades desenvolvidas possuem a mesma base para motivação e intenção, contribuir para o desenvolvimento da cultura ecológica, onde as crianças possam se manifestar e aprender com e na natureza (KRENAK, 2022), por meio de uma educação emancipadora (FREIRE,1981) e intercultural (CANDAU, 2016) a qual promova processos sistemáticos de diálogo entre diversos sujeitos -individuais e coletivos-, saberes e práticas na perspectiva da afirmação da justiça -social, econômica, cognitiva e cultural-, assim como da construção de relações igualitárias entre grupos socioculturais.

O objetivo deste trabalho é relatar as atividades pedagógicas em participação desenvolvidas com as crianças visando o desenvolvimento da cultura ecológica

desde a infância**.** Como a criança é vista como parte da natureza, a proposta educacional é desenvolvida por meio de diálogos, sentires e fazeres na teia da vida, conforme sistematizamos a seguir: O mês está dividido em 4 momentos, sendo eles**:**1ª semana: Apresentar o tema e ouvir o que as crianças sabem sobre; 2ª semana: Investigar sobre o assunto. (fazendo trilha, ouvido sentindo a natureza, pesquisa biblioteca e informática);3ª semana: Criar com o tema. Sempre com elementos da natureza; 4ª compartilhar o aprendizado no coletivo com todas as turmas, nos manifestar publicamente, denunciar as ameaças descobertas nas investigações. Para o ano de 2023 o tema gerador foi: O planeta clama por agroecologia e soberania. Desta forma, desenvolvemos na primeira semana do ano: a) Dia da acolhida: Com o exercício da partilha um Pão para ser partilhado (Pão partilha, mas ligando o tema pão ao tema gerador. Pão soberania. Trigo agroecológico/orgânico. Partilhar o pão refletindo sobre o pão para todos); b) Dia do brincar: A natureza é nosso único instrumento: Brincadeiras com água, barro, bambu; c) Dia da colheita do feijão plantado no ano anterior; festejar pela ação coletiva e a fartura. d) Dia do encontro, é um dia de diálogo com as famílias para apresentar a caminhada desenvolvida para o ano e refletir sobre o que é Agroecologia e o que é agronegócio, desenvolvendo aproximação entre as famílias e fortalecimento de vínculos.

Além dessa organização em quatro momentos, há uma intencionalidade nas atividades no decorrer do ano letivo, já que todas as crianças em parceria da ABAI com a prefeitura de Mandirituba oferece o contraturno com atividades socioambientais, filosóficas, éticas, políticas, sociais e culturais. Com o tema gerador, e com realidade do contexto e os elementos da natureza, as datas do calendário de temas urgentes como: dia da mulher, da água, dos povos indígenas, da luta camponesa, nos ajudam a refletir no processo de transformação, nesse dia ampliamos os sentires e fazeres para pensar sobre o dia das Abelhas, as festas populares como a junina e festa das sementes crioulas. Com esses conjuntos de datas e a partir do tema gerador “O planeta clama por agroecologia e soberania”, refletimos e nos manifestamos pelas ameaças enfrentadas. Em cada atividade pensada e desenvolvida em participação, o enfoque maior é olhar, entender, aprender e cuidar da natureza e a compreensão dela como um todo. Os elementos (Terra, água, ar, fogo) os bichos, pássaros, borboletas, formigas, vacas, insetos, a floresta, os alimentos e os seres humanos, refletindo sobre todos e todas em processo de cooperação, o qual formam a teia da vida e, ao mesmo tempo manifestam nas crianças um sujeito ecológico, pertencente e integrado a natureza.

As atividades de educação agroecológica também ocorrem nas oficinas: Oficina de capoeira, Oficina de esporte, Oficina de dança, Oficina de arte com madeira, Oficina de musicalização, Oficina Convivência com o cavalo, musicoterapia e o projeto Hortoleta (horta com crianças borboletas), baseada na pergunta e na construção coletiva de soluções e interações de humanos e não humano na Teia da Vida. Essas atividades são importantes e necessárias ao se considerar o contexto dessas crianças, pois na educação popular e ambiental, é necessário sensibilidade para

entender a realidade vivida dos sujeitos excluídos, vulneráveis ou em casos de violência doméstica.

Desta forma, o sujeito ecológico, é um sujeito curado pela vivência, ele se maravilha, se relaciona e se surpreende com a vida, gosta da diversidade das Sementes crioulas, o qual o encanta e contribui nesse compromisso ético, como um multiplicador, um guardião mirim. Todos esses processos em participação nas atividades de educação agroecológica (Figura 1), são constitutivos da educação popular ambiental e ética que envolve um sentir pensar com a Terra, vivendo e experienciando a Terra a fim de entender que a terra é um bem comum. Por essa abordagem, a sociabilidade das crianças é pensada e praticada para além dos seres humanos, mas inclui uma constelação de humanos e não humanos, representando um aprendizado em fricção com a natureza, como destaca Krenak (2022).

Figura 1: atividades de educação agroecológica desenvolvidas.

FONTE: Centro Socioambiental Mãe Terra (2023).

Educação agroecológica na infância: Desafios encontrados, superação aos desafios e lições aprendidas.

O primeiro desafio, o fortalecimento do vínculo criança/educador e o ambiente ecológico. Contribuir para que a criança desenvolva percepção de cuidado, de afeto com os outros e consigo mesma. Através da agroecologia, desenvolver relações profundas com a natureza. Onde a criança possa vivenciar experiências de cuidado com o ambiente ecológico; que essa vivência, fortaleça o vínculo educador e criança; e essas relações tragam elementos dos contextos sociais e políticos que

são trabalhados por toda a equipe interdisciplinar. Então no ambiente diferente como aqui, por meio da biopráxis, ela vivencia como é trabalhar agroecologia que não é só como plantar e cuidar da plantinha, mas é como se conectar com essa plantinha e dizer que na medida que cuidamos da plantinha ela cuida também da criança, que a natureza também sofre todas as coisas que a criança sofre, que nós somos parte da natureza.

O outro desafio, o fortalecimento do vínculo com as famílias. Com o vínculo estabelecido e compreendido nas relações com as crianças, o vínculo com a família é fundamental. Nesse processo trabalhamos a compressão política social na agroecologia com elas. Desenvolvendo através de ferramentas pedagógicas a partir da realidade de cada uma, atividades práticas relacionados ao ambiente social, como horta, plantio, reformas de fossas e com isso, buscamos uma compreensão da liberdade através de uma transformação social.

Tem também o desafio da prática da pedagogia transmissiva que é descontextualizada e colonizadora, para a prática da pedagogia em participação com abordagem amorosa, que aqui denominamos de biopráxis, a qual envolve esse olhar holístico a fim de fortalecer a nossa história. Dentro deste contexto buscamos superar olhares reducionistas ou isolados, buscamos descolonizar a mente humana, o pensamento, a linguagem e a vida. Pois nos colocamos como parte também de um povo indígena, quilombola, ribeirinho, caiçara, faxinalense, gerando uma compreensão de que há uma opressão, mas há riqueza também, pois onde há sofrimento, há resistência e um reexistir. As lições aprendidas com a educação agroecológica com crianças foi de desenvolver reflexões sociais, históricas e políticas, pois buscamos nos momentos de vivência dessa espiritualidade que a natureza possibilita, e com essa conexão com a nossa ancestralidade, a valorização aos saberes dos nossos povos originários e comunidades tradicionais, visando construir uma valorização e alteridade com esse povo, o qual são discriminados pela proposta de desenvolvimento, mas, no entanto, também nos ensinam que podemos ser mais fortes. Estes aprendizados têm nos mostrado que somos fortes, e esse sentimento faz com que as crianças desenvolvam a amorosidade, a autoestima, a alteridade, assim como o protagonismo.

Percebemos que a voz manifestada pelas crianças por meio de cartazes, por meio de manifestações, torna-se espaços em que aprendem a falar para os outros e para o mundo o que veem e o que querem. São ações educativas desenvolvidas, onde elas percorrem caminhos dentro da instituição dizendo frases de ordem como: “eu sou contra o preconceito”; “ a água é livre para todos”; “ a Terra também nossa mãe maior” “Não queremos violência”, “A fome é uma violência”, nessas vivências, quando eles falam isso primeiro para eles e um para o outro, geram aprendizagens significativas e sentimentos de pertencimento, vamos aprendendo que o caminho é estarmos juntos e também a importância de reivindicar e da organização. Gera-se o sentimento de estarmos ligados um nos outros pela teia da vida, que estamos inter-intra-relacionados, compreende-se que somos fortes se estivermos agindo de forma coletiva, a criança percebe a importância da organização e de se ligar a

alguém contribuindo nesse processo de crescimento coletivo, desenvolve-se na criança auto estima, visualiza a esperança de uma vida melhor, não só para ela, mas para todos e essa tem sido uma das importantes lições.

Um outro desafio está relacionado aos educadores sociais, pois a educação convencional está pautada na pedagogia transmissiva, uma formação de educação formal, onde há caderno, onde tem que ter o planejamento já estabelecido com cronograma, mas aqui não tem material pré-estabelecido, o nosso material didático, ou seja, o nosso chão pedagógico, é a natureza e a história dos povos. Uma dificuldade no dia a dia, é os educadores sociais desenvolverem a segurança com a pedagogia em participação a partir da natureza e da amorosidade, pois a concepção pedagógica que desenvolvemos, busca manifestar que todos somos parte da natureza, e a natureza é uma grande riqueza e abundância de aprendizados. Assim a educação agroecológica na infância é baseada que tudo que necessitamos para os processos de ensino e aprendizagem que estão disponíveis na natureza. No entanto, essa compreensão aos educadores sociais é um desafio, necessita de um processo de desconstrução, desaprender sobre a educação que eles receberam, que era formatado e com grade, onde já define o que a criança irá estudar e que não valoriza tanto as experimentações e vivências com e na natureza por meio de uma abordagem plural, onde a natureza proporciona imensas formas lúdicas para as crianças se desenvolverem.

Para superar esse desafio, investimos na formação permanente dos educadores sociais no próprio processo de desenvolvimento das atividades, por meio de um processo que é educativo, de cuidado, de valorização em uma outra prática educativa.

Principais resultados alcançados acerca dos movimentos interculturais, decoloniais e democráticos desenvolvidos na educação agroecológica.

Percebemos que essas práticas da educação agroecológica na infância, são importantes para emergir esses sujeitos ecológicos que problematizam, contextualizam e relacionam o local com o global em seu cotidiano em uma abordagem decolonial, intercultural e dialógicas, pois desenvolve na criança um sentimento de ligação com a Mãe-Terra, mas também a compreensão do contexto social em que está inserida.

Ao desenvolvermos atividades pedagógicas em participação com as crianças que passaram por situação de agressão e que vivem no ambiente urbano, as crianças são compreendidas em uma concepção bio-psico-social-espiritual e ecológica onde possui um papel ativo de participação no processo de construção do conhecimento agroecológico. Pois encontram aqui a oportunidade de construírem coletivamente novas experiências, novos sentires e novas formas de conceber a vida.

A vivência em harmonia com a natureza, com o afeto, com os estudos sobre os povos originários, sobre os povos quilombolas, ribeirinhos e caiçaras, geram nas

crianças uma visão integradora e holística. A vida vai sendo manifestada nas relações entre os seres humanos e entre estes e a natureza por meio do afeto, pois a natureza humana é voltada para o amor, é o vínculo do amor que tece o social.

Consideramos que a violência, a dominação, a competição, a exclusão, a discriminação, o racismo e o sexismo são frutos de uma cultura posta pelo modelo de desenvolvimento e as crianças já vão aprendendo por meio da educação agroecológica o que é opressão e desenvolvem alternativas pela cultura ecológica que envolve a interculturalidade e a pluralidade de vida.

Com a pedagogia em participação interlaçada com a biopráxis, gera-se um ambiente educativo, onde os materiais pedagógicos são principalmente, naturais, culturais, interculturais, flexíveis e aberto a possibilidades plurais, contribuem para o desenvolvimento da cultura agroecológica, as quais harmonizam o corpo coração mente espírito das crianças no ritmo com a Terra.

Tivemos também como resultado a partir da abordagem da biopráxis, tanto com as crianças como com os/as professores/as uma participação ativa na promoção das experiências, de forma distinta da pedagogia transmissiva. Por fim, as experiências relatadas apontam que a educação agroecológica é intercultural, pois parte-se da afirmação da diferença como riqueza, promovendo processos sistemáticos de diálogos entre diversos sujeitos, diversos saberes e diversas práticas na perspectiva da declaração e da busca de justiça -social, ambiental, econômica, cognitiva e cultural, visando a construção de relações igualitárias entre grupos socioculturais e da democratização da sociedade.

Disseminação da experiência

Esta experiência pode ser recomendada para organizações que atuam com educação agroecológica e essas experimentações são possíveis de serem disseminadas, gerando a possibilidade de novos projetos de educação agroecológica intercultural, democrática e decolonial em nosso país.

Referências

CANDAU, Vera. M, **Interculturalizar, descolonizar, democratizar**: uma educação “outra”? Rio de Janeiro: Viveiro de Castro Editora, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 10 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

KRENAK, Ailton**. Futuro ancestral.** 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

OCANA, A, L, O.; LOPEZ, M, I, A; CONEDO, Z,E,P,C. Pedagogía decolonial: hacia la configuración de biopraxis pedagógicas decolonizantes. **Revista Ensayos Pedagógicos**. V. XIII, n.2, p. 201-233, Julio-diciembre, 2018.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Julia. Pedagogia em participação: em busca de uma práxis holística. In: Documentação pedagógica e avaliação na educação infantil: Um caminho para transformação. Porto Alegre: Penso, 2019.